

## CONTEXTOS DE EMERGÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO PROSÓDICA INICIAL: UMA PROPOSTA

Andressa Toscano Barros<sup>39</sup>

### RESUMO

Este trabalho trata do primeiro sistema entonacional de uma criança em quatro momentos de funcionamento (balbucio, jargões, primeiras palavras e blocos de enunciado), mapeando o seu desenvolvimento entonacional de 1;0 a 1;6 de vida. Baseamo-nos na hipótese de que a criança exerce um movimento *top-down* na hierarquia prosódica, trabalhando com a organização prosódica desde cedo, lidando primeiro com a entonação, como propõe Scarpa (1997, 1999). Dados nos mostram que os primeiros contornos distintivos do sistema entonacional da criança são do tipo ascendente ou descendente e apenas aos 1;6 verifica-se uma expansão de tons com em sua fala.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prosódia. Sistema entonacional. Organização prosódica.

### ABSTRACT

This research aims at tackling the early intonation system of a child's speech in four different moments (babbling, jargons, first words and blocks of utterances). from 1;0 to 1;6. This study is based on the hypothesis that the child works *top-down* in the prosodic hierarchy, i.e. the child deals with the prosodic organization since the very beginning of life, working with intonation first (SCARPA, 1997, 1999). The first distinctive contours in the child's speech are rising or falling and only around 1;4 her first words had contours recognized as speech acts. By the age of 1;6 our subject had already a tone expansion with rise, fall, rise-fall and fall-rise contours.

**KEYWORDS:** Prosody. Intonation system. Prosody organisation.

### Introdução

Em aquisição de linguagem, tanto trabalhos acerca de percepção bem como os que tratam de dados de produção (SCARPA 1999, 2007; CAVALCANTE, 1999) têm demonstrado que a criança é sensível a facetas da prosódia na entrada para a linguagem. Logo, existem indícios apontados na literatura de aquisição da linguagem de que pistas prosódicas orientam a criança na percepção, no processamento da fala dirigida (ou não) a ela desde os primeiros meses de vida, bem como na interpretação dos enunciados da criança pelo outro. Segundo Scarpa (2007), é reservado à prosódia um papel de ponte, pois ela liga som ao sentido, tanto engajando a criança no diálogo como organizando as formas linguísticas iniciais através de sistemas de entonação e ritmo.

Assim, a relevância da prosódia se dá a partir do papel atribuído a este recurso em aquisição da linguagem, que consiste na compreensão da interação social do bebê com seus pares, por meio de parâmetros prosódicos presentes no *input*, bem como pelas modificações de tais parâmetros na fala dirigida à criança (manhês). Além disso, tanto se constituem como uma via privilegiada do engajamento da criança no diálogo e nos processos de subjetivação,

---

<sup>39</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB). [andressatoscano@yahoo.com](mailto:andressatoscano@yahoo.com)

quanto constitui um fator coesivo na organização da forma fônica e nos princípios de estruturação fonológica (SCARPA, 1988).

Baseamos-nos na hipótese de trajetória *top-down* na aquisição da prosódia, que se justifica por demonstrar que a criança trabalha com a organização prosódica desde cedo, lidando primeiro com a entonação, ou seja, os domínios prosódicos superiores estão disponíveis à criança antes que ela comece a trabalhar com a grade métrica (SCARPA, 1999). Logo, unidades prosódicas compostas por uma sílaba nuclear ou palavras mínimas formadas por um pé binário, que têm a sua estrutura própria, não são fragmentos lexicais isolados, mas sim unidades prosódicas de domínios superiores, isto é, frases entonacionais ou enunciados fonológicos.

De acordo com Scarpa (1999) tal hipótese é sustentada por princípios da fonologia prosódica, qualquer que seja ela, baseada nas teorias de inspiração pré ou não gerativa, ou pelas mais recentes (NESPOR e VOGEL, 1896; SELKIRK, 1984, CRUTTENDEN, 1986) em que a estrutura prosódica pode ser preenchida por uma sílaba na forma da superfície, isto é, nos níveis mais altos da hierarquia, independente da complexidade sintagmática, contanto que tal sílaba seja portadora do acento nuclear e de um contorno entonacional.

### **1. Primeiro sistema entonacional: quatro momentos de funcionamento**

Antes mesmo de começarem a falar, as crianças demonstram várias habilidades para perceber inúmeras características da fala. É impressionante a destreza que elas têm para perceber os sons, aprender os padrões da língua e quebrar o continuum sonoro em unidades linguísticas menores. Segundo Curtin e Hufnagle (2009) pesquisas em percepção de fala têm revelado que as habilidades das crianças não só proporcionam as bases para o aprendizado dos sons da língua nativa, mas também as bases para o aprendizado da estrutura silábica, segmentação e armazenamento das palavras. São as escolhas que os infantes fazem desde cedo pelos sons da fala aos sons do ambiente e pela fala dirigida a eles que os guiam para a informação relevante no *input* linguístico. Para os autores, são essas habilidades prelinguísticas que resultam em um alicerce firme para o desenvolvimento da linguagem posteriormente.

Vários estudos comprovam a sensibilidade que as crianças bem pequenas têm de perceber os sons da fala desde cedo. É no primeiro ano de vida que elas começam a perceber não só os sons específicos da língua materna, mas também a fonotática da língua, isto é, a ocorrência de sons em diferentes posições silábicas. Pesquisas sobre segmentação da fala

notaram que as crianças começam o processo de segmentação do continuum em unidades menores entre 6 a 8 meses de idade (CURTIN E HUFNAGLE, 2009). Pesquisas também indicam que as crianças são sensíveis à alternância de sílabas forte/fraca ainda bem pequenas (GERKEN, 2004; MEHLER & CHRISTOPHE, 1995).

Para acompanhar o processo de aquisição de linguagem do nosso sujeito V., propomos quatro estágios de desenvolvimento: balbucio, jargão, primeiras palavras e blocos de enunciados, como veremos a seguir.

### **1.1 Balbucios e jargões 1;0.12**

O balbucio é definido e categorizado por vários autores (DROMI, 2002; DORE, 1975; OLLER, 1980) e ainda dividido em balbucio canônico, variado ou tardio. Traremos a definição de Locke (1995) para ilustrar o que consideramos como balbucio e ainda o propomos como um estágio que compreende tanto o balbucio canônico, quanto o variado ou tardio. Locke (1995) considera o balbucio como sendo a produção de sílabas que têm, tipicamente, o formato consoante vogal, por exemplo [ma, da, ba]. Para o autor, tais sílabas são muitas vezes repetitivas e têm um certo ritmo.

Já os jargões, de acordo com Dromi (2002) aparecem na fala infantil em torno dos 12 ou 13 meses de idade. São, então, longas sequências de sílabas que contêm padrões de acento e entonação variados e variáveis. Soam como enunciados completos que carregam conteúdo de afirmações ou perguntas, ocorrendo, muitas vezes, concomitantes a palavras reais. No entanto, os jargões não apresentam conteúdo linguístico ou estrutura gramatical (DROMI, 2002, p. 46).

Scarpa (2007) os define como quando o contorno entonacional se estende a uma cadeia de sílabas ou um longo fragmento composto por sílabas ininteligíveis. Passa de balbucio tardio a jargão quando a entonação é considerada mais madura e os contornos são preenchidos por sílabas tipicamente da fase do balbucio, mas reconhecíveis como intenção comunicativa pelos adultos, que sempre lhe atribuem significado de uma frase ou sentença.

A produção do nosso sujeito V. é composta de balbucios e jargões. A maioria das produções acontecem em contextos específicos em que o interlocutor (mãe) conversa com a criança ou chama a sua atenção para um brinquedo ou para a própria conversa. Em nossos dados observamos que o balbucio é composto basicamente por dois tons, L + H ou H + L, ou seja, encontramos produções em tom ascendente e descendente, como podemos ver nos exemplos contidos nas figuras 1 e 2 a seguir:

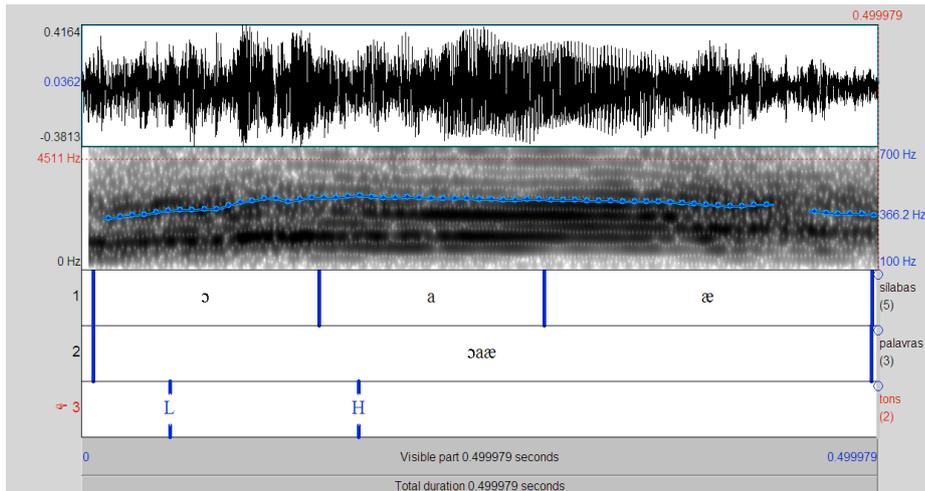


Figura 1: Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [Oa&].

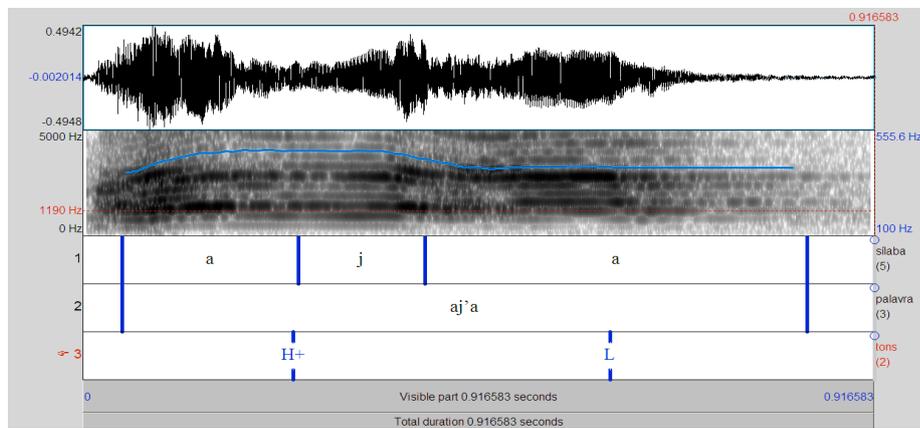


Figura 2: Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [aj'a].

Já os dados de jargões apresentaram uma variação maior de tons, como podemos ver nas figuras 3 e 4 abaixo:

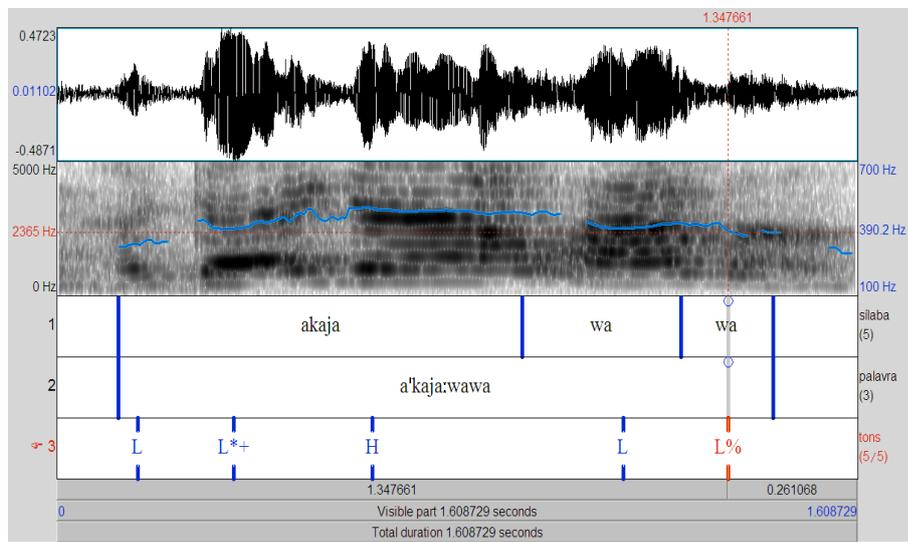


Figura 3: Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [a'kaja:wawa].

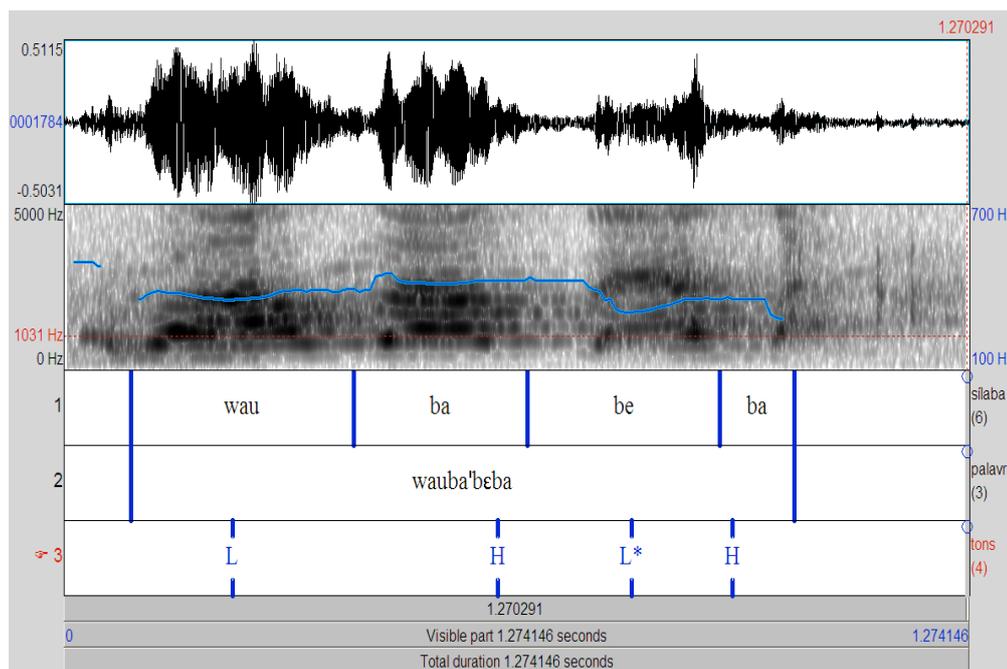


Figura 4: Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [wauba"bEba].

Podemos perceber que nosso sujeito, de certa forma, tem seu balbucio padronizado com contornos ascendentes e descendentes e que, assim como afirma Scarpa- Gebara (1984) ele é sensível aos contornos entonacionais da língua a que é exposta. Seu interlocutor, portanto, tende a interpretar suas produções como tendo alguma função dentro da dialogia, já que o contorno entonacional é semelhante ao do seu próprio sistema, mesmo que estes não possuam significado inteligível.

## 1.2 Primeiras palavras – (1;4.6 a 1;5.5)

O terceiro momento definido em nossa proposta é o das primeiras palavras reconhecíveis do nosso sujeito V. Assim, consideramos nesse período as produções infantis contendo enunciados de uma palavra, que já nem são balbucios nem puramente jargões, visto que as consideramos reconhecíveis na língua adulta e interpretáveis pelo interlocutor.

Ademais, as produções de uma palavra já carregam traços entonacionais da língua madura e não sendo apenas uma massa fônica “ininteligível”.

As primeiras palavras de V. parecidas com as da língua adulta começam a surgir em torno de 1 ano e 4 meses. Importante observar que as primeiras palavras têm variação de altura que são reconhecidas como diferentes intenções comunicativas, ou atos de fala: pergunta, afirmação, pedido, etc. e que são recorrentes e produtivas e não mais ou menos efêmeras como os balbucios e jargões. Vejamos as figuras 5 e 6, que ilustram nosso ponto:

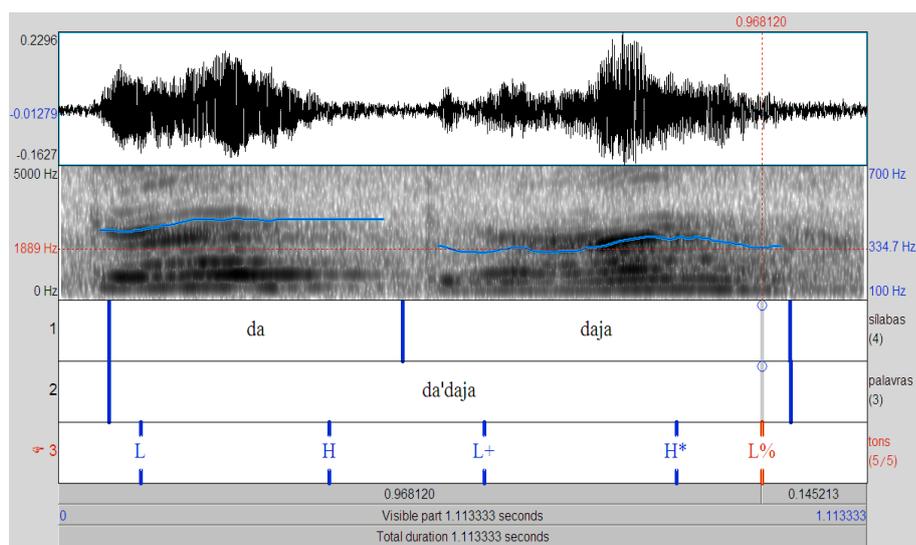


Figura 5: Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [da'daja].

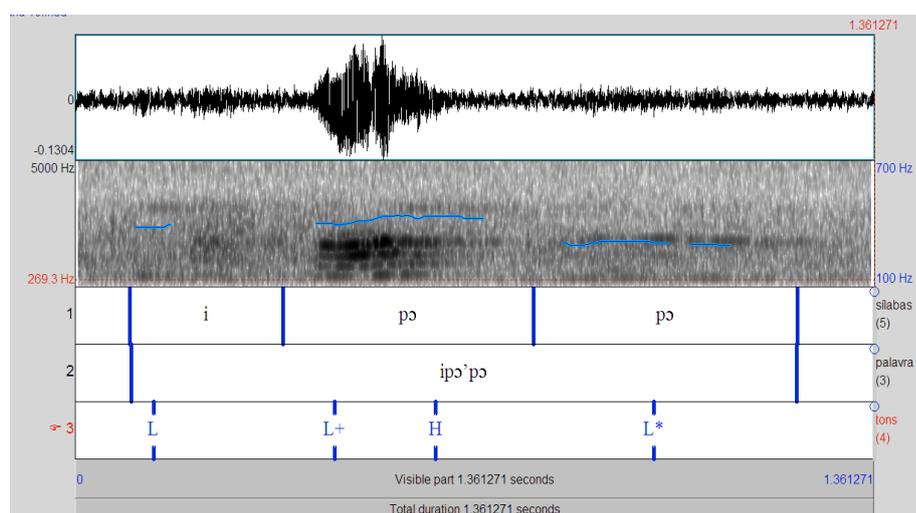


Figura 6: Forma de onda, espectrograma e marcação de onda de [ipO'pO].

Observamos que os contornos de V. mudaram, sendo agora constituídos por mais variações de altura. Nessas primeiras palavras encontraremos sequências mais curtas do que as do jargão, já com um padrão silábico reconhecido como fazendo parte de um léxico primitivo, com formas não marcadas (sílabas V, CV e VC, sendo C um glide).

### 1.3 Blocos de enunciados (1;6.4 a 1;6.25)

Definimos o período que chamamos de bloco de enunciados como o estágio de aquisição em que a criança alterna a produção de holófrases com enunciados completos. Notamos em nossos dados que nesse estágio a criança já é capaz de fazer pedidos, perguntas e produzir respostas mais longas com significado completo, superando os enunciados

holofrásticos. Notamos que a partir de um ano e meio a criança começa a arriscar-se nesses enunciados mais longos, juntando duas ou mais holófrases.

Neste período as produções de V. não se limitam a palavras soltas, ela já constrói blocos de enunciados que foram observados como um continuum entonacional. Ver figuras de 7 e 8.

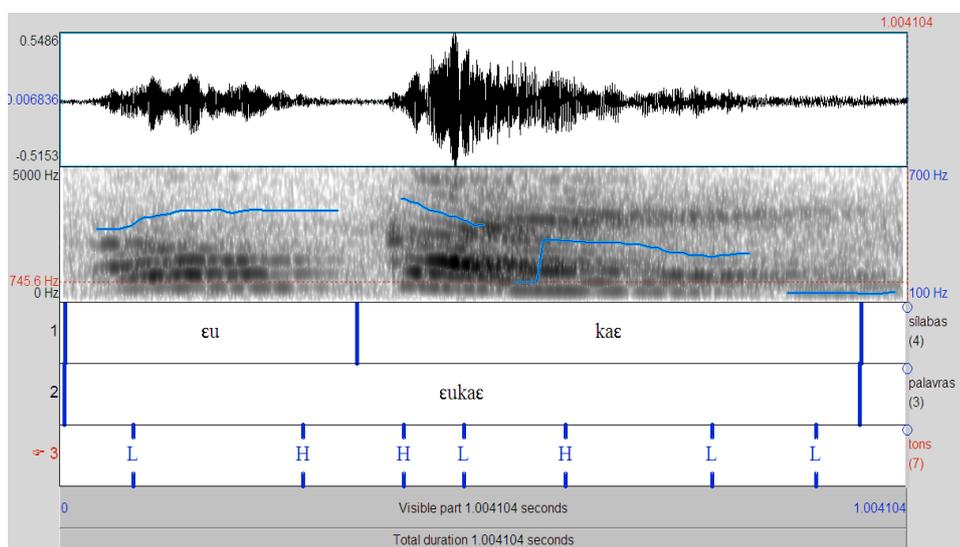


Figura 7: Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de: é o hipopocaré [eukaE].

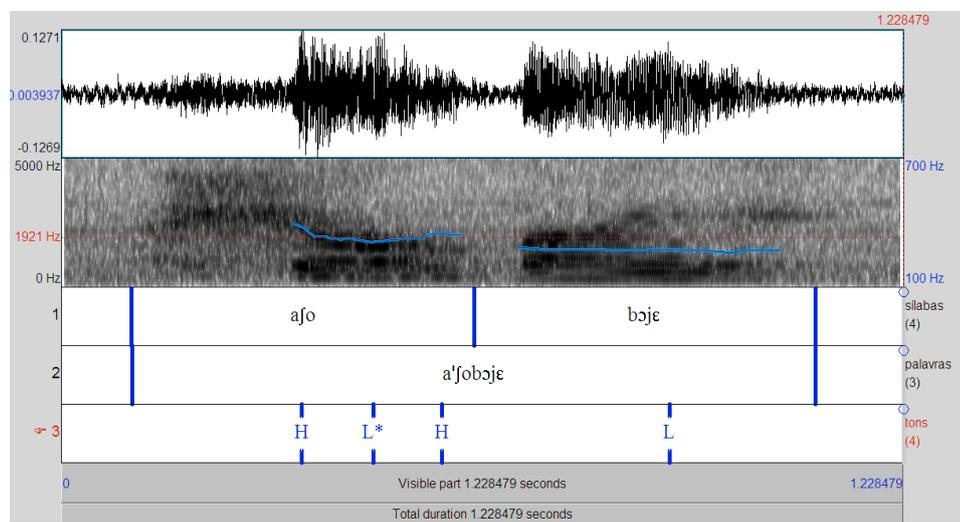


Figura 8: Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de: achei a bola [a"SobOjE].

Com os exemplos acima é possível perceber que a entonação surge como um continuum, já que V. forma pequenos blocos de enunciados, como optamos por chamar tais enunciados, em que a sintaxe não é clara. Isso nos possibilita observar, por exemplo, que a criança é realmente sensível ao acento nuclear desde cedo, como pudemos constatar a partir da entonação e análise dos extratos acima.

### **Algumas considerações finais**

Esse estudo baseou-se na hipótese top-down de aquisição prosódica, haja vista que assumimos que a criança é atraída para a linguagem via prosódia e desde cedo trabalha com os níveis mais altos da hierarquia, como propõe Scarpa (1999). Vimos, portanto, que até os enunciados de uma sílaba do sujeito V. não são produzidos num vácuo entonacional (SCARPA, 1999).

Destacando cada um dos momentos de produção da criança, vimos que mesmo no estágio de balbucio, a criança não produz sílabas isoladas, pois estas possuem um contorno melódico, indicando que a criança trabalha com os domínios prosódicos desde muito cedo. Além disso, vimos nos jargões um amadurecimento na estrutura entonacional da criança passível de ser interpretada pelo adulto, já que remete à entonação de sentenças de sua comunidade linguística, apesar da falta de léxico inteligível nesse continuum.

Vimos que as produções de balbucio com o tempo diminuem e que por volta de 1 ano a criança começa a produzir enunciados mais parecidos com os da sua comunidade linguística, entretanto, observamos que a criança não parou de desenvolver seu sistema entonacional para adquirir léxico, mas que ela continuou a construir uma gramática prosódica, trabalhando de cima para baixo na hierarquia, ao passo que foi adquirindo categorias e o léxico de sua língua.

### **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge University Press. 2 ed. 1997.

CURTIN, S. HUFNAGLE, D. *Speech perception*. In: BAVIN, E. L. (ed) *The Cambridge handbook of child language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

DORE, J. Holophrases, speech acts and language universals. *Journal of Child Language*, 2. ed. 1975, 21-40.

DROMI, E. *Babbling and early words*. In: SALKIND, N.J.( ed). *Child development*. Macmillan psychology reference series. MCmillan, 2002.

GERKEN, L. A. (2004). Nine-month-olds extract structural principles required for natural language. *Cognition*, 93, 2004, p. 89–96.

LOCKE, J. L. *Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada*. In: P. FLETCHER; B. MACWHINNEY (eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Trad. M. A. G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre, 1995.

MEHLER, J.; CHRISTOPHE, A. *Maturation and learning of language in the first year of life*. In: M. S. Gazzaniga (Ed.), *The Cognitive Neurosciences: A Handbook for the Field*. Cambridge, MA: MIT Press. 1995, p. 943–954.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co. 1986.

OLLER, D. K. *The emergence of the sounds of speech in infancy*. In: Yeni-Komshian, Kavanaugh; Ferguson, 1980, p. 93-112.

SCARPA, E. M. *A Aquisição da prosódia: dupla face, dupla vocação*. In: Em-Tom-Ação: a prosódia em perspectiva. AGUIAR, M.A.M. MADEIRO, F. (orgs). Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

\_\_\_\_\_. *Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e prosódicos na aquisição da linguagem*. In: SCARPA, E. (org) *Estudos de Prosódia*. Campinas: UNICAMP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Learning External Sandhi: Evidence For A Top-Down Hypothesis Of Prosodic Acquisition*. In: GALA'97 Conference on Language Representation and Processing, 1997. *Proceedings of GALA '97 Conference on Language Acquisition: Knowledge Representation and Processing*. Edimburgo, Escócia.

\_\_\_\_\_. E. M. *Desenvolvimento da Intonação e A Organização da Fala Inicial*. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. UNICAMP, 14 v., 1988, p. 65-84.

SELKIRK, E. *The Syllable*. In: HULST; SMITH. (eds.). *The Structure of Phonological Representations (Part II)*. Dordrecht Foris. 1982, p. 337-383.